

PERFIL FEMININO NO ROMANCE “SENHORA” DE JOSÉ DE ALENCAR

GOMES, Adriana Cristina Oliveira Ferreira

adrianadrigomes@yahoo.com.br

NEVES, Roseli Aragão

roseliaragao@bol.com.br

ROCHA, Alzira Brígida Resende

alzira_lali@hotmail.com.br

MACHADO, Danilo Maciel

danilo_let@hotmail.com

Mestre em História da Literatura – Fundação Universidade Federal do Rio Grande e
Professor do Curso de Letras – Português da Universidade Tiradentes.

RESUMO

Neste estudo é evidenciado o perfil feminino no romance “Senhora” de José de Alencar, enfocando o retrato da sociedade burguesa do século XIX. O objetivo central é analisar o perfil de Aurélia, protagonista do romance que enfrenta dificuldades para atingir seus ideais e garantir seu espaço em um contexto de dominação masculina. Nesta investigação, privilegiaram-se os procedimentos da pesquisa bibliográfica, investigando de modo aprofundado um autor que narra em sua obra os valores, os costumes e os comportamentos dos indivíduos, principalmente no que se refere às relações homens/mulheres. O estudo permitiu perceber que em “Senhora” há uma representação clara de qual era o papel da mulher no contexto descrito por José de Alencar.

PALAVRAS-CHAVE: Perfil feminino, sentimentos, conflitos, sociedade.

1. INTRODUÇÃO

O momento histórico brasileiro em meados do século XIX, caracterizava-se pelas fortes mudanças ocorridas nos setores econômico, político e social. É nesse contexto que a Literatura assume um papel importante para o Brasil.

Vários artistas buscavam sua fonte de inspiração na natureza, nas questões sociais e políticas do país, valorizando o amor sofrido, a religiosidade, a sua própria história e o cotidiano popular.

Nesse cenário, alguns autores utilizavam em suas obras o contexto familiar como artifício para desmascarar a elite burguesa e conscientizar a sociedade das reações que ocorrera através da Revolução Industrial e também algumas mudanças que estavam ocorrendo no comportamento da própria sociedade.

Todavia, parte dessa sociedade, ou melhor, a sociedade feminina, era bastante discriminada e as mulheres eram vistas de duas maneiras distintas, uma como esposa e criadora de filhos e, outra como uma mulher entregue à lascívia e prostituição.

A autora do livro “Homem e mulher: o mito da desigualdade” mostra que antigamente as mulheres eram totalmente submissas ao homem e que mesmo após a proclamação da década da mulher ela continuava tendo que superar as dificuldades de desigualdade e submissão, simplesmente por ser “mulher”. Porém Whitaker sutilmente declara que as mulheres têm avançado bastante em alguns países, no Brasil percebe-se que isso acontece a passos lentos.

E é baseado nesses argumentos, que este artigo será desenvolvido, tendo como proposta de realizar um apanhado geral da figura feminina na obra “Senhora” e fazer um paralelo com a figura feminina dos dias atuais, enfatizando questões como amor, dinheiro e sociedade.

No primeiro momento será feita uma análise sobre o indivíduo daquela época, século XIX, dando seqüência será falado sobre o romantismo brasileiro, no terceiro momento abordaremos o enredo do livro “Senhora” enfatizando a figura feminina, e por fim as considerações finais.

2. O INDIVÍDUO NA SOCIEDADE BURGUESA

A obra de Alencar retrata com bastante clareza a vida social da cidade do Rio de Janeiro, do século XIX. O autor narra em sua obra os valores, os costumes e os comportamentos dos indivíduos na sociedade burguesa utilizando uma linguagem requintada e de forma transparente o luxo, o esplendor, o brilho e a opulência da nobreza no Brasil.

Desde o momento de sua ascensão ninguém, lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a Deusa dos bailes, a musa dos poetas e ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa (ALENCAR, 2005, p.19).

Para Arnold Hauser, um grande escritor literário, o indivíduo burguês buscava conquistar seu espaço através na sociedade através de sua dedicação árdua no trabalho, mesmo que sua ascensão na sociedade fosse adquirida através de uma herança ou na aquisição de um dote doado em troca de um casamento. Para esse cidadão o que era mais importante era freqüentar a alta sociedade, os grandes salões onde se concentrava a maior parte dos indivíduos bem sucedidos.

Em seu romance Alencar enfatiza através do clássico o indivíduo burguês, ou melhor a burguesia, suas às aspirações e ambições que estavam ligadas a ascensão social, diferentes de algumas famílias que viviam de valores e tradições passadas, lutando pela sobrevivência ou adaptando-se à realidade, sendo que esses valores entravam em choque, sofrendo assim impactos no meio de mudanças sociais.

Baseado nessas diferenças sociais o autor constrói personagens conflitantes, pois, de um lado Aurélia pobre perdera seu grande amor justamente por conta desta pobreza, sendo substituída por outra mulher que ofereceu um dote a seu amado (Fernando Seixas).

No transcorrer do tempo Aurélia herda uma fortuna de seu avô e conseqüentemente passa freqüentar os salões e a alta sociedade burguesa, igualando financeiramente a Seixas, surgindo assim a oportunidade almejada de vingança. Com isso José de Alencar reafirma uma das maiores características em suas ficções, que é a desigualdade social.

3. O ROMANTISMO BRASILEIRO

O Romantismo definiu-se como escola literária nas letras universais a partir dos últimos 25 anos do século XVIII. No Brasil, inicia-se em 1836, quando Gonçalves de Magalhães publica, na França, a *Niterói – revista brasiliense* e lança, no mesmo ano, um livro de poesias românticas intitulado *Suspiros poéticos e saudades*. Esse é considerado o ponto de largada deste período na literatura brasileira.

Nesse período o Brasil, vivia sobre a euforia da Independência do Brasil, os artistas brasileiros buscaram sua fonte de inspiração na natureza e nas questões sociais e políticas do país. As obras valorizavam o amor sofrido, a religiosidade cristã, a importância de nossa natureza, a formação histórica brasileira e o cotidiano popular.

O Romantismo no Brasil nasceu em uma época em que desencadeava a Revolução Industrial, esta delineia-se em duas classes distintas e antagônicas, que era a classe dominante, agora representada pela burguesia capitalista, e a classe dominada, representada pelo proletariado.

A fase literária foi marcada por três gerações românticas. A primeira traz como marca a exaltação da natureza, voltando-se ao passado histórico, refletindo sobre o medievalismo, e enfocando como herói nacional a figura indígena sendo denominada *geração indianista*.

A segunda geração é aquela considerada como a geração do mal-do-século. Esta foi fortemente influenciada pela poesia de Lord Byron e Musset, é conhecida também como a *geração byroniana*. Impregnada de egocentrismo, negativismo boêmio, pessimismo, dúvida, desilusão adolescente e tédio constante característicos do ultra-romantismo, o verdadeiro mal-do-século, seu tema preferido é a fuga da realidade, que se manifesta na idealização da infância, nas virgens sonhadas e na exaltação da morte. Destacam-se como poetas dessa geração Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire e Fagundes Varela.

A terceira geração ou geração condoreira, teve como característica a poesia social e libertária, refletindo as lutas internas da segunda metade do reinado de D. Pedro II. Essa geração sofreu intensamente a influência de Victor Hugo e de sua poesia político-social, daí ser conhecida como *geração hugoana*. O termo *condoreirismo* utilizado nesta fase resulta do ideal de liberdade adotado pelos jovens românticos inspirados no vôo livre do condor, águia que habita o alto da cordilheira dos Andes. O principal representante desta geração foi Castro Alves, seguido por Tobias Barreto e Sousândrade.

A obra “Senhora” embora apresente alguns elementos que possa caracterizá-la como realista é sem dúvida uma obra romântica, visto que podemos perceber nela um extravasamento no campo das emoções. Dos prosadores românticos que se destacam na literatura brasileira, José de Alencar é considerado como o mais importante, não só pelo seu nacionalismo como pelo seu estilo vigoroso, elegante e pomposo, que o faz sobressair entre seus contemporâneos. Sua obra de ficção é vasta e fecunda, onde avulta o romance como seu principal meio de expressão.

A idealização dos romances urbanos está presente na obra de José de Alencar, que denotam o dia-a-dia das pessoas aprofundando na exploração no interior humano, revelando romantismo, frustrações, sentimentalismo em realidades vividas, desta forma entrando no campo das emoções.

Vê-se claramente que o enredo de seus romances urbanos tem como cenário o cotidiano de uma sociedade burguesa, sendo assim, Cândido considera Alencar um verdadeiro sociólogo que descrevia quase totalmente a sociedade da época. (CÂNDIDO, 1993, p.204)

Percebe-se que “Senhora” foi escrito em um momento em que o capitalismo tomava forma no Brasil, principalmente nas suas capitais, como é o caso do Rio de Janeiro, lugar onde é encenado o romance. Essa obra chama atenção pela crítica feita à ascensão da burguesia da época, mostrando uma sociedade repleta de preconceitos e vaidades.

O perfil feminino esboçado sob uma visão romântica revela o comportamento afetivo e social da mulher. A presença da mulher numa sociedade em mudanças, marcada pela ascensão da classe burguesia de comerciantes e banqueiros, e da burguesia rural, ambas procurando posições de relevo na vida pública e nas profissões liberais.

As características encontradas na obra fornecem uma nítida impressão de que a personagem Aurélia está em um cenário capitalista encenado por lutas de classes e pela luta de sexo, no qual a protagonista se mostra um ser divino, angelical, no início do romance e acaba tornando-se uma personagem conflituosa dentro de si a Bela e a Fera, ora amorosa e romântica e ora autoritária, maltratando assim seu grande amor, até o momento que ele se redime provando sua dignidade.

Alencar também discorre em seu romance que a mulher desse período seguia as normas e contradições comportamentais da época que lhe eram impostas, e se fosse contra esses princípios ofendia a autoridade do marido e as normas do casamento, elas tinham que

ser submissas ao marido, e caso não aceitassem suas imposições tinham que suportá-lo para não dar margem aos comentários da sociedade.

Milhões de mulheres ainda são prisioneiras do lar, porém, há que se reconhecer, milhões se libertaram. Não totalmente é claro, já que não se resolveu, para a grande maioria, o dilema do cotidiano: conciliar o cuidado dos filhos, as tarefas domésticas e o mundo do trabalho fora de casa. (WHITAKER, 1988, p.13)

Na década de 30 surgem os movimentos feministas, as mulheres lutavam pela sua emancipação, lutavam contra tudo que fosse contrário aos seus ideais. Elas queriam tornarem-se livres da inocência e da pureza e, conseguindo isso alcançariam sua dependência e deixariam de ser vistas como rainha do lar, passando a ganhar espaço no mercado de trabalho e com o tempo acabaram conquistando.

As mulheres nessa época passaram a executar tarefas que até então somente homens executavam, embora a profissão para algumas ainda fique em segundo plano; daí por diante a visão que se tinha da mulher como inocente e pura começou a mudar, e cada vez mais ela conquistava seu espaço.

4. O ENREDO E O FEMININO

4.1- O ENREDO

Aurélia, ainda muito jovem, passou por várias situações difíceis, uma delas foi a doença de sua mãe e seu irmão, que faleceu ainda adolescente. A situação humilde em que vivia não lhe trouxe alternativas a não ser expor-se na condição de arranjar um bom casamento, condição essa que lhe foi imposta pela própria mãe, e como se não bastasse, seu tio Lemos a convidou para ser uma prostituta, oferecendo-se como seu mediante. Apesar da descida de sua reputação, ela é estimada por dois rapazes da sociedade: Eduardo Abreu e Fernando Seixas. Aurélia e Fernando apaixonam-se; ele acaba pedindo-a em casamento. Mas

a felicidade de Aurélia dura pouco, pois Fernando, possuidor de uma personalidade interesseira, se vê tentado a casar-se com outra mulher, da qual receberia um dote de trinta contos.

Algum tempo depois o avô de Aurélia a procura na cidade do Rio de Janeiro e a faz herdeira de sua fortuna; de posse da fortuna, e tendo como seu tutor seu tio, sente-se livre para seguir seus caprichos, e com a vida opulenta que ela passa a ter começa então a freqüentar os salões aristocráticos da época.

A partir daqui, Aurélia começa a sua vingança, pedindo a seu tio que oferecesse a Fernando um dote de cem contos para casar-se com uma moça desconhecida, rica e jovem. Fernando aceita a proposta e quando o tio de Aurélia apresenta a sua noiva, ele entra em êxtase, pois mesmo a tendo abandonado, continuava a amá-la e com isso se sente um felizardo, mal sabia que tudo não passava de um plano arquitetado por Aurélia.

- O Sr. Ramos mantém a proposta que me fez anteontem em minha casa? perguntou Seixas.
- Lemos fingiu que refletia.
- Um dote de cem contos no ato do casamento, é isto?
- Resta-me conhecer a pessoa.
- Ah! Este ponto, parece-me que deixei-o bem claro. Não tenho autorização para declarar, senão depois de fechado nosso contrato. (ALENCAR; 2005, p. 49)

Fernando Seixas sem desconfiar da trama de Aurélia com o tio estava cada vez mais radiante com a idéia de casar-se, ele pensava estar unindo duas coisas o amor que sempre teve por Aurélia, e o direito de fazer parte da alta sociedade fluminense. Confiante do amor de Aurélia, Seixas acreditava estar fazendo um ótimo negócio. Chegando o dia do casamento, Fernando Seixas sofre a maior decepção da sua vida, Aurélia lhe revela que aquilo não passava de um plano entre ela e o tio, e que o teria feito por vingança, porque jamais esquecera o passado, e que seriam marido e mulher diante da sociedade, pois para ela Fernando seria apenas um objeto possuído.

Depois de tantos conflitos internos, fulga de sentimentos, decepções, vingança, Aurélia se reconcilia com Seixas, o redimindo e provando seu amor. “As cortinas cerram-se e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal.” (Alencar, 2005, p.238)

4.2- O FEMININO

José de Alencar, ao escrever o romance “Senhora”, era um homem de grande maturidade, já possuía 44 anos. Tinha a imaginação muito fértil e quis revelar no romance o que acontecia com as pessoas da alta sociedade fluminense em pleno século XIX. Sendo que sua obra segue uma estrutura padronizada, contendo namoro, harmonia e conflito; tudo isso através da união do casamento.

Os recursos utilizados por Alencar faz uma comparação da realidade vivida com o amor idealizado. Isto é revelado nas atitudes das personagens, principalmente de Aurélia que vivencia uma quebra de seus ideais e comportamento por conta de uma decepção amorosa. Aurélia meiga, calma, sonhadora, pura ao sentir-se desprezada transforma-se em uma mulher forte e determinada. Percebe-se uma mudança comportamental da mulher, o amadurecimento humano, a maturidade feminina, a perda da ingenuidade

Com uma existência calma e um amor feliz, Aurélia teria sido meiga esposa e mãe extremosa. Atravessaria o mundo como tantas mulheres envolta nesse cândido enlevo das ilusões, que são a alva pura do anjo, peregrino na terra. Mas a flor de sua juventude, ela viu desabrochar na atmosfera impura das torpes seduções que a perseguiam. Sem o nativo orgulho que protegia a sua castidade, talvez que o torpe hálito do vício lhe maculasse o seio. Mas teve força para cerrar-se, como o cacto à alma abrasadora, e viveu de seus sonhos próprios sonhos. (ALENCAR, 2005, p. 114)

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela. Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa. Duas opulências que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dos esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante. Quem não se recorda da Aurélia Camargo. (ALENCAR, 2005, p.09)

Aurélia Camargo deixa de ser moça meiga e doce, para se tornar uma heroína nesse enredo, mostra-se corajosa ao atropelar seus sentimentos e buscar com todo seu orgulho concretizar sua vingança e, com isso limpar sua honra de mulher ferida. Apesar da pobreza em que vivia, sua inteligência era muito elevada em relação às outras moças, tinha enorme interesse em se tornar uma dama da alta sociedade.

Neste sentido, José de Alencar mostra o rompimento dos valores da época, rompe a idéia daquela mulher pacata e submissa, à medida com que expõe como Aurélia inicia a seu plano cruel de desmascarar e humilhar aquele a quem dedicou seu verdadeiro amor. Ele traz como propósito mostrar a força feminina, sua coragem, ao derrubar seu amado, para que do chão ele pudesse rever o seu erro e reerguer-se reconhecendo que o seu verdadeiro amor era ela.

-Então nunca amou a outra?

- Eu juro-lhe, Aurélia. Estes lábios nunca tocaram a face de outra mulher, que não fosse minha mãe. O meu primeiro beijo de amor, guardei-o para minha esposa, para ti...

- Ou para outra mais rica!...

- Aurélia! Que significa isto?

- Representamos uma comédia, na qual ambos desempenhamos o nosso papel com perícia consumada. Podemos ter orgulho, que os melhores atores não nos excederem. (...) Entremos na realidade por mais triste que ela seja; e resigne-se cada um ao que é, eu uma mulher traída; o senhor, um homem vendido.

- Vendido! Exclamou Seixas ferido dentro d'alma.

- Vendido sim: não tem outro nome. Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem contos de réis, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por este momento. (ALENCAR, 2005, p.56)

Alencar mostra de uma forma bastante clara o que realmente era muito comum naquela época, pois havia muitos casamentos por conveniência, onde marido e mulher, só os eram, da porta do quarto para fora. O romance “Senhora” divide-se em quatro partes: O preço, quitação, posse e resgate, e tem como temática central o casamento por interesse.

O amor *versus* ambição conforme é ressaltado na obra equivale na degradação do amor pela força do dinheiro, dominante na ascensão social. Valores a serem preservados entram em choque, sofrem o impacto de fatores novos no meio das mudanças sociais, propícias às aspirações de glória.

Com a Revolução Industrial e a ascensão da burguesia os romances eram criados enfatizando ambições, desejos, fuga da mesmice cotidiana, entre outros. Foi nessa época que surge o lema “tempo é dinheiro”, pois muitos escritores corriam para escrever o que acontecia com o país e o mundo, podendo-se dizer de forma enfeitada.

José de Alencar na verdade quer mostrar este novo papel da mulher na sociedade moderno-industrial, projetando-nos num universo ideal, com reivindicações de direitos iguais, da mulher e do homem. Ele nos expõe todos os elementos que nos convence que o perfil feminista da mulher acaba por ser aguçado em função das novas oportunidades que lhes são oferecidas.

Aparecem claros temas discutidos, em termos de família, educação tradicional, mudanças, valores ameaçados. A mulher adquire em “Senhora” uma força, uma garra para alcançar o que quer. A mulher é edificada como uma heroína, reparadora e redentora, em contra partida o homem no papel de Seixas o vilão, a ser redimido.

O romance estudado dentre outros romances da época não escapam de servirem como porta-vozes dos anseios de escritores que queriam demonstrar aos leitores que sua literatura era escrita pelo, para e com o povo. Pois muitas vezes desmascarava a burguesia ditadora e imperialista.

Percebe-se que o romance nesse determinado momento mostra aquilo que acontece ao redor da sociedade. As personagens são somente veículos usados para introduzir na mente aquilo que se achava necessário para o conhecimento do povo, para isso observa-se a frase

segundo Candido: “As personagens de costumes são, portanto, apresentadas por meio de traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados; por meio, em suma, de tudo aquilo que os distingue vistos de fora.” (CANDIDO, 1998, p.61).

O caráter conflituoso na obra revela como o indivíduo se comporta na sociedade, estabelecendo uma revolta consciente e inconsciente contra as amarras sociais. A idéia do egocentrismo dos personagens revela uma análise minuciosa construída onde os sentimentos podem ser encarados como sucesso ou não, na vida social.

Mais adiante, Alencar mostra o retrato ensimesmado de Aurélia, onde ele fala do seu futuro como entidade fora dela, aqui mais uma vez ela muda o seu perfil:

Aurélia concentra-se de todo dentro de si; ninguém ao ver essa gentil menina, na aparência tão calma tranqüila, acreditaria que nesse momento ela agita e resolve o problema de sua existência; e prepara-se para sacrificar irremediavelmente todo o seu futuro. (ALENCAR, 2005, p. 19)

Alencar decorre todo o romance mostrando no presente o passado de Aurélia, utilizando-se de um recurso para que o leitor ficasse querendo saber o mais rápido possível o novo perfil e também o que de novo aconteceria com a protagonista.

A mudança de personalidade, a fuga da emoção, a penetração no campo da razão, e a procura de não se render ao sentimentalismo em sua essência é demonstrado na obra a todo instante como característica do universo feminino, e como quebra aos costumes da época fazendo com que a obra ganhe uma nova forma de analisar a mulher.

É na utilização de vários recursos que Alencar aproveita para mostrar que o tempo na vida de Aurélia tanto passado, presente e futuro fizeram com que ela mudasse o seu perfil por várias vezes, percebe-se isso na afirmação feita no livro “A criação literária” escrito por Massaud Moisés: “O romancista desce a frações de tempo, como no enalço de surpreender a

relação íntima entre elas e os acontecimentos; tudo se passa como se, alterada a circunstância de tempo, tudo mudasse para o personagem”. (MOISÉS,1999, p. 195)

Os trechos abaixo remetem como Aurélia passava por um tempo vivendo e agindo de certa maneira e ao decorrer do romance ela se torna totalmente de outra maneira, como se o tempo mudasse completamente o perfil da personagem. De acordo com Alencar “A gentil menina surgira de sua pensativa languidez como uma estátua de cera que, transmutando-se em jaspe de repente, se erigisse altiva e desdenhosa, desferindo de si os lívidos e fulvos reflexos do mármore polido”. (ALENCAR, 2005, p. 16)

Em outra passagem, do romance Aurélia mostrava-se um pouco cruel para com o marido: “Aurélia soltou uma risada argentina, quanto má e venenosa... A moça continuou a gorgear o seu riso sarcástico; mas voltou às costas ao marido e afastou-se”. (ALENCAR, 2005, p.145)

Retomando esse perfil, Aurélia, a grande heroína, como o próprio nome indica, representa o brilho e a glorificação moral; é edificada ao redor da idéia de que, nas camadas populares ainda não contagiadas pelas normas e hábitos burgueses, residem à alma e o espírito puro, a honradez, e integridade de caráter. Essa concepção difusa na obra está sintetizada na frase: “Cumpriu o tropeiro o encargo com uma proibidade, de que ainda se encontram exemplos freqüentes nas classes rudes, especialmente no interior” (ALENCAR, 2005, p.84) Aurélia, corporifica a beleza e a formação moral firme, erigida num ambiente social popular e tradicional. Após ter passado por tantos açoites na vida ela permaneceu com o seu caráter e seus fiéis sentimentos.

O romancista mostra como realmente era feito naquela época, Aurélia e Seixas debatem-se ao se confrontarem envolvidos com situações próprias de uma transação comercial, explicitado na estruturação do livro dividido em partes denominadas O preço, Quitação, Posse

e Resgate; com o objetivo de representar a expansão dos sistemas bancário e financeiro na sociedade carioca e a difusão de sua linguagem no meio social.

Em *O Preço*, Alencar trata ironicamente, do valor oferecido pelo dote por Aurélia, a qual precisava de um marido e aquele que estava no mercado disponível era Seixas, esse embora dissesse que a amava sinceramente a abandonou anteriormente quando ela era pobre. Observe o trecho em que Aurélia dá a notícia da transação comercial, segundo Alencar “—... Entremos na realidade por mais triste que ela seja; e resigne-se cada um ao que é: eu, uma mulher traída; o senhor, um homem vendido...O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem contos de réis, foi barato; não se fez valer...”. (ALENCAR, 2005, p.77)

Já em *Quitação*, estabeleceu-se a realidade de mulher traída e de homem vendido, que o autor mostra a maneira como Aurélia tinha fome de ouro e desejava grandemente o ato da sua vingança matrimonial, até que concluiu o mercado ao comprar o marido.

Em *Posse*, por sua vez, depois de feita a transação, Fernando de sujeito passa a ser objeto, ao invés de acontecer a consumação do dito santo amor conjugal, eles passaram a viver separados por um divórcio moral, o qual foi projetado por Aurélia. Por fim, o *Resgate*, Fernando consegue ter o dinheiro para devolver para Aurélia, e ela enfim, confessa o seu amor ao marido e ambos concretizam seu amor.

O autor, por condenar o matrimônio de conveniência e daquilo que considera ser mal para a sociedade que surge, opõe-se a isso através do enredo no qual mostra constantemente o perfil de Aurélia no presente e no passado. No entanto, para fugir do destino social reservado e imposto às mulheres, Alencar a representa como sendo emocional, como era comum conceber as mulheres, mas enfatiza que em certas ocasiões, operava nela uma revolução e brilhavam as irradiações da inteligência, visto que abandonara seu foco natural, o coração para concentrar-se no cérebro, onde residem as faculdades especulativas do homem.

Enquanto na época, elogiava-se o homem, seu poder e razão; as mulheres deveriam ser submissas, pois eram instintivas, fracas e perigosas. Nesse contexto, o autor mostra que mentir, trair, insinuar-se e seduzir eram passes de um jogo social, permitidos pelas regras da vida elegante, que levava os homens frágeis de caráter, a cometerem tais atos, porém, Seixas representava homens que à força de viverem em um mundo de convenção, tornam-se artificiais.

Em tal leitura social, percebe-se que as mulheres sonhavam em ter um bom casamento e uma vida feliz em família, em contrapartida os homens sonhavam em ascensão, através de um bom casamento, não para viverem felizes para sempre, e sim para aproveitar a boemia para sempre, pois era assim que viviam os homens dessa época.

A mulher nesse momento tinha que conformar-se com a realidade da vida, mas Aurélia foi o fio condutor, para dar mais um passo para a emancipação das mulheres, a qual é citada, no romance. Com as modas estrangeiras e os novos costumes ocorreu uma ruptura do tradicionalismo, a ação feminina tornou-se uma luta constante contra os costumes tradicionais impostos pela mente da antiga sociedade.

No entanto, por um lado, se ela não apagava muitas de suas crenças inculcadas no processo de socialização em meio social popular, por outro, abandonava outras tantas como o recato feminino exigido no mundo burguês e agia com desembaraço, o que era visto como efeitos da emancipação das mulheres

A mulher, em vez daquela espécie de amor que se usa na sociedade e que se compra e vende, ela mantinha o ideal de expressão dos impulsos do sentimento e não das seduções do interesse. Para ela, o amor era um forte afeto, que funde em uma só existência o destino de duas criaturas, e completando-as uma pela outra, forma a família tornando o matrimônio uma espécie de enigma, céu esplêndido, no qual se via envolvida, inundando-a de felicidade. O amor é definido como sendo a felicidade, uma graça, que poupa quem o sente da degradação

de um casamento de conveniência, logo, um santo afeto, mas que pode embutir humilhação a quem ama sem nunca ter sido amado. Porém na sociedade na qual vivia amor assim era considerado como algo ilusório, visto como uma ilusão de poeta, um sonho da imaginação, pois, na vida, para Seixas, o amor não é mais do que um capricho, uma doce preferência, um terno devaneio, até que se transforme na amizade conjugal.

No trecho abaixo, observa-se claramente o que fora dito por Whitaker em seu livro “Mulher & Homem: o mito da desigualdade”, com relação a esse amor ilusório: Explicações do tipo Complexo de Cinderela são extremamente superficiais e simplificadoras. Nada há de errado em esperar o príncipe encantado. Os rapazes também estão em busca da princesa, embora ela seja, às vezes, a Bela adormecida.¹ (WHITAKER, 1988, p.09)

No entanto, em *Senhora*, assim como em outras obras românticas, se a sociedade educava os homens, fazendo-os à sua feição, dourando-os com vícios, os quais os impediam de ver através da fascinação o materialismo a que eles os arrastavam, a natureza era seu contrário.

Aurélia afastava-se da grande maioria das mulheres de seu tempo e do que todos esperavam delas, isso é, tornarem aquilo que seus maridos quisessem, pois ao homem, ser considerado como racional e capaz, de acordo com o imaginário dominante na sociedade burguesa, cabia moldar aquela com quem casara de acordo com seus preceitos e disciplinas reprimendo seus impulsos e intuição.

Porém, Coutinho (COUTINHO,1978, p. 150) enfatizou em entrevista na época:

Não interessava em seus “*perfis* de mulher” o comportamento comum e de caráter geral do momento, mas a originalidade e aberração do viver comum, as exceções, ou idiosincrasias morais que se tornam curiosas e que, acreditamos, deveriam dentro de um projeto de transformação social servir de exemplo a ser seguido para a constituição de uma sociedade diferente daquela que conhecia e não gostava.

¹ O mito da Bela Adormecida representa a passividade imposta à mulher desde seu nascimento. O homem deverá “despertá-la” sexual e socialmente, como esposa e mãe. (La Bella Durmiente, Susaeta Ediciones S.A).

Atualmente, as mulheres possuem o mesmo perfil que Aurélia, portam-se como verdadeiras mulheres guerreiras que lutam pelo seu ideal a qualquer preço, porém assim também como Aurélia as mulheres tem dentro de si uma mulher frágil que ama verdadeiramente o seu amado, mas também são incontáveis as mulheres como também homens que visam somente o lado material. Muitas pessoas acham que arrumar um casamento por dinheiro é ganhar na loteria, e esquecem-se de dar o valor devido à família, pensam somente em usufruir sem moderação de um bem material que não conseguiu ganhar com seus próprios esforços.

É visto claramente hoje em dia casamentos arranjados como o de Aurélia que pagou para Seixas casar com ela, se há amor entre o casal não se sabe, mas percebe-se nisso tudo certo interesse, pois muitos invés de escolher a pessoa que seria a esposa ou o marido ideal procura somente status e hoje têm-se muitos exemplos através da internet, na televisão e até mesmo pessoas que são estimadas que casam-se com outras desconhecidas visando aquilo que por ventura a pessoa fale que seja ou tenha e na realidade não é aquilo que fala e tem.

Finalmente, Alencar mostra esse interesse em seu romance, mas o que mais enaltece o seu clássico realmente é o perfil feminino que encontramos nele, que esse, não tem sido diferente em nossos dias, pois as mulheres terão sempre as características marcantes que ele demonstra em Aurélia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as informações contidas neste artigo representam a certeza de que a obra “Senhora” é de grande valia para a literatura brasileira, pois retrata fielmente os valores do amor ideal, da alma, do eu individual e sentimental, enfim, todos os elementos encontrados são sublimes, especiais e significativos para o romantismo brasileiro.

E foi com esse intuito, que Alencar veio fazer uma crítica sobre a dominação do homem sobre a mulher, dominação essa sofrida desde a colonização. Com isso, o autor vem mostrar que o casamento não passa de um pretexto para a consolidação do poder machista, de controle, de dominação de todos os atos que fazem com que a mulher seja submissa ao homem. Essa descrição é um relato da sociedade burguesa de meados do século XIX.

Contudo, vê-se hoje que assim como Aurélia Camargo, ao longo do tempo e após muitas batalhas, a mulher tanto fez que acabou conquistando o seu espaço na sociedade adquirindo poder suficiente para, pelo menos, tentar viver de forma igualitária com o sexo oposto, o homem. Pois como diz Whitaker a mulher não deve ser condicionada somente ao lar e aos afazeres domésticos, e colocar a profissão no segundo plano, pois nada as impede de conciliar os dois afazeres e serem bem sucedidas. (WHITAKER, 1988, p.13)

A emancipação feminina permitiu que ao longo da história observasse várias mudanças, no perfil da mulher, essas que permeiam até hoje, e que possibilitaram um desenvolvimento psicológico e social nos diversos países. Assim como Aurélia, que conseguiu conquistar o respeito de uma sociedade que não dava crédito às mulheres, atualmente cada mulher tem lutado e alcançado o seu precioso espaço.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Senhora**. Ed. Avenida. Jaraguá do Sul, 5432, ed. 2005.

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. Ed. Perspectiva: São Paulo. 9ª. ed. 1998.

_____. **Formação da Literatura Brasileira**. Ed. Itatiaia: Rio de Janeiro. 7ª. ed. 1993.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: Origens e Unidade (1500-1960)**. 1ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 272.

COUTINHO, Afrânio (org.). **A polêmica Alencar-Nabuco**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. p. 150.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. Ed. Cultrix: São Paulo, 10ª. ed. 1999.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & Homem: O mito da desigualdade**. Ed. Moderna: São Paulo, 9ª. ed, 1988.